
ENTRE TANQUES E FOGÕES: FORMAS DE GAMBIARRA EM MEIO SOL AMARELO, DE CHIMAMANDA ADICHIE

BETWEEN TANKS AND COOKERS: GAMBIARRA TYPES IN HALF OF A YELLOW SUN, BY CHIMAMANDA ADICHIE



Dossiê

Literaturas africanas e afrodiáspóricas: escritas emancipatórias

Organizadores:

Prof. Dr. Cláudio R. V. Braga



Profa. Dra. Gláucia R. Gonçalves



Profa. Dra. Fernanda Guida



Profa. Dra. Elena Brugioni



v. 32, n. 61, maio, 2023
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 27/09/2022

Aprovado em: 14/05/2023

Distribuído sob



Ana Clara Velloso Borges Pereira

claravellosob@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais.

Volker Jaeckel

volkerjae@yahoo.de

Docente da pós-graduação em Estudos Literários da UFMG e da pós-graduação em Letras da UNEB.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

Este artigo almeja discutir a articulação das gambiarras no romance *Meio Sol Amarelo* (2014), da escritora Chimamanda Adichie. Assim, foram observadas práticas de improviso durante a Guerra de Biafra em equipamentos militares e na vida civil, com amparo dos textos teóricos de Bouffleur (2013) e Sedlmayer (2017). Desse modo, concluiu-se que, para os personagens do romance, a gambiarra foi fundamental para a transgressão da opressão e para a sobrevivência durante a guerra, mas não solucionou de forma definitiva os problemas cotidianos.

Chimamanda Adichie, gambiarra, escassez, transgressão

This article aims to discuss gambiarra (workaround, alternative solution) articulation in the novel *Half of a Yellow Sun* (2014), written by Chimamanda Adichie. Thus, improvisation practices were observed during the Biafra War in military equipment and in civilian life, supported by theoretical texts by Bouffleur (2013) and Sedlmayer (2017). In this way, it was concluded that, for the characters in the novel, gambiarra was fundamental for the transgression of oppression and for survival during the war, but it did not definitively solve daily problems.

Chimamanda Adichie, gambiarra, shortage, transgression

Introdução

Da extensão do cabo elétrico ao uso de cliques de papel para sustentar uma armação de óculos, a eficácia da gambiarra torna possível realizar muitas atividades. Embora seja uma engenhosidade amplamente difundida, é mais fácil exemplificar a gambiarra do que defini-la. Moacir dos Anjos (2007), pesquisador e curador de arte, levanta duas facetas da gambiarra: tanto o ato de construir algo em função da escassez de recursos quanto os próprios aparatos criados para resolver os problemas. Ou seja, a gambiarra pode ser a ação ou o objeto, o resultado ou o método.

Talvez a gambiarra não faça sentido em países opulentos. Afinal, quando há ferramentas convencionais para a manutenção do cotidiano, não há necessidade de improvisar. Anjos (2007) acusa a assimetria financeira como motivadora da gambiarra, executada em criativa reação às desigualdades. Entretanto, as gambiarras não podem ser consideradas exclusivamente laudatórias. Ao suprir uma necessidade de modo não convencional, ainda de acordo com o raciocínio de Anjos (2007), a gambiarra também é funcional, em alguma medida, ao sistema que continuamente a produz.

De tão presente na rotina, a gambiarra é facilmente associada às funcionalidades práticas. Entretanto, não se limita a elas. A subversão do uso de um objeto também faz parte da arte. Ao aprofundar-se na estetização da gambiarra para fins artísticos, é possível trabalhar o reajuste utilitário para produzir novos instrumentos, como fez Obici (2014) em sua tese de doutorado. Também é possível trabalhar as representações da gambiarra na arte, a partir de registros como as fotografias da série Gambiarras (2014), do artista plástico Cao Guimarães.

Nesse sentido, o presente artigo adota a segunda perspectiva e investiga as representações da gambiarra no romance *Meio Sol Amarelo* (2014), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. O livro foi escolhido como corpus primário do artigo por retratar situações que exigem a transgressão do uso tradicional de diversos objetos para a manutenção da sobrevivência. Embora a narrativa de *Meio Sol*

Amarelo se apoie em uma base histórica, trata-se de uma obra ficcional, que tenta mimetizar a precariedade do período retratado:

Ugwu tinha salvado as flores, da mesma forma como salvava embalagens velhas de açúcar, rolhas, até mesmo casca de cará. Isso se ligava ao fato de nunca ter tido o suficiente, ela sabia disso, da incapacidade de jogar qualquer coisa fora, até mesmo as inúteis. (ADICHIE, 2014, p. 61)

Nos primeiros capítulos da obra, os personagens Ugwu, Olanna, Odenigbo e Richard moram na Nigéria no início da década de 1960. Após uma centena de páginas, os conflitos políticos são acentuados no país e é deflagrada a Guerra de Biafra, provocando uma série de combates armados. Então, tais protagonistas precisam manejar dramas humanos e materiais, desdobrados em mortes avassaladoras, escassez de mantimentos e medo constante.

Este artigo apresenta uma seção principal dividida em dois temas. Na primeira parte, após uma breve contextualização da escassez no período retratado na narrativa, analisará os reajustes feitos com os aparatos militares. Na segunda, considerará as invenções necessárias para a subsistência da vida civil, de acordo com as gambiarras feitas pelos personagens para compor elementos básicos de higiene e alimentação.

Reajustes militares

A criatividade que caracteriza a gambiarra também está presente no improviso do “jeitinho brasileiro” para solucionar problemas. Todavia, Lagnado (s. d.) expressa que seria um desserviço à produção cultural brasileira retratar a gambiarra como um regionalismo. Parafinas e garrafas PET, de fato, são utilizadas no Brasil para suprir inúmeras necessidades. Entretanto, as práticas de improviso referentes à gambiarra são encontradas em qualquer lugar do mundo onde haja escassez – como a Nigéria da década de 1960.

Falola e Heaton (2008) expõem que a Nigéria alcançou a independência do domínio colonial britânico em 1º de outubro de 1960, com perspectivas promissoras e expectativas altas para o futuro do país. O prestígio nigeriano foi

prejudicado, em um curto período de tempo, por corrupção política, subdesenvolvimento econômico e, principalmente, pela guerra civil que matou entre 1 e 3 milhões de pessoas. A Guerra de Biafra, motivada pela tentativa de separação e independência das províncias ao sudeste da Nigéria, é representada na diegese de Chimamanda Ngozi Adichie em diferentes manifestações de violência, precariedade e desejo por emancipação. Nesse sentido, a obra se relaciona com as narrativas históricas, que podem ser consideradas “ficções verbais, cujos conteúdos são tão inventados como descobertos, e cujas formas têm mais em comum com suas contrapartidas na literatura que na ciência” (WHITE, 2001, p. 97).

O imaginário, assim, não se isenta dos fatos históricos. Sob esse viés, a materialidade parcial da ficção é pensada também por Iser (2002), que retira a oposição entre ficção e realidade. *Meio Sol Amarelo* é um romance que se apropria de uma fonte histórica para contextualizar a época na qual está situada, fazendo com que ficção e realidade se tornem sistemas referenciais relacionados e contidos no fazer literário. Logo, ao agregar camadas ficcionais para resgatar a memória cultural do seu país, os hábitos, vivências e até as gambiarras dos personagens se aproximam de um referencial da realidade.

Neste referencial, o poderio destrutivo da humanidade é tão potente quanto a vontade de construir bases sólidas. Se na vida civil a gambiarra é executada em instrumentos que ajudam a engendrar projetos, na guerra, ela é executada em táticas e estratégias de aniquilamento. O’Connell (1989) considera que a relação entre o homem e suas armas é muito mais íntima e complexa do que se admitia na época da publicação de seu livro. Segundo o autor, o efeito profundo que as armas desencadearam em nossos sistemas político-militares e o impacto psicológico por aproximar o homem da morte caracterizam as armas como dispositivos de maior significância.

Mais do que isso, O’Connell (1989) aponta que as armas aparentam ter crescido além das categorias tradicionais utilizadas para encaixá-las. Afinal, a representação do precário equipamento bélico erguido na Guerra de Bia-

fra, conforme *Meio Sol Amarelo*, muito difere das armas resplandcentes que Hefesto forjou para Aquiles na *Ilíada*.

Madu me contou hoje que o exército não tem nada, absolutamente nada. Eles achavam que Okukwu tinha armas estocadas em algum lugar, tendo em vista o jeito como ele fala. ‘Poder nenhum na África Negra pode nos derrotar!’ Aí Madu e alguns outros militares que serviam no Norte foram dizer a ele que nosso exército não tem armas, não tem como mobilizar as tropas, e que os homens estão tendo que treinar com armas de pau, tenha a santa paciência! (ADICHIE, 2014, p. 216)

Por conseguinte, o emprego de armas de pau para combater se relaciona com as categorias de reajuste utilitário analisados por Boufleur (2013). Embora cada uma das quatro categorias (ausência, limitações, disponibilidade e possibilidades) procure enfatizar o aspecto principal que provoca a criação de uma gambiarra, tais categorias não são excludentes e podem estar em diálogo. De acordo com o relato fictício do personagem Madu sobre o armamento, as práticas relacionadas à ausência se destacam. Boufleur (2013) explica o aspecto de desequilíbrio na relação recurso-demanda a partir da escassez. Há práticas da gambiarra que substituem (mesmo que precariamente) artigos industriais, utilizando-se de recursos materiais paralelos. É o caso do armamento de madeira: na falta de artificios de munição e proteção fabricados com esta finalidade, os soldados substituíram fuzis e pistolas pelo recurso disponível, oriundo da natureza.

A matéria orgânica, na representação da Guerra de Biafra escrita por Chimamanda Adichie, não só substitui o artefato industrial, como também ganha novas atribuições na elaboração de gambiarras. Sob esse viés, Boufleur (2013), a partir do aspecto da abundância, define a categoria das possibilidades: “As gambiarras vislumbram novas possibilidades de aplicação e aproveitamento a partir de características e funcionalidades que os produtos têm a oferecer” (BOUFLEUR, 2013, p. 48). É o caso da beterraba, cujos benefícios minerais, como só-

dio, potássio, magnésio, zinco e ferro, são rejeitados para que o vegetal seja aproveitado como instrumento de camuflagem, conforme o excerto:

“Você quer dizer que não é sangue?”
 “Não, sah.” [...] “Eu mergulho os panos na água de beterraba, amarro feito atadura e digo que sobrevivo ao ataque aéreo. É só assim que o pessoal da milícia me deixa entrar no caminhão. Só homem com ferimentos segue junto com mulher e criança.” (ADICHIE, 2014, p. 353)

Logo, para simular um fermento que permitiria ao personagem deslocar-se de um espaço para outro de caminhão, o consumo da beterraba vai além da aplicação nutricional. Ao usufruir da pigmentação vermelho-arroxeadada do vegetal para transformá-lo em maquiagem, demonstra-se não só a ruptura do uso convencional da beterraba e suas consequentes possibilidades de uso, como também desmascara outra face da escassez de substâncias. Afinal, em contextos de abundância, provavelmente teriam sido consumidos compostos desenvolvidos especificamente com a finalidade de camuflar-se.

Ainda na categoria da abundância descrita por Bouffleur (2013), também se encaixa a representação do saco de ráfia em *Meio Sol Amarelo*. De fato, a versatilidade da embalagem permite que ela armazene múltiplos equipamentos, especialmente na construção civil e na agricultura. No contexto bélico da narrativa, a durabilidade e a resistência da sacola permanecem destinados ao armazenamento, mas de segmentos humanos. Em determinada passagem literária, após uma explosão, é necessário guardar a cabeça de uma pessoa, já destituída do resto do corpo, em um saco de ráfia. Assim, vê-se uma nova possibilidade de uso da sacaria, que substitui objetos respeitosamente associados ao cortejo fúnebre, como caixões.

Perante a precariedade e a destruição da infraestrutura durante a guerra, o manejo das gambiarras tornou-se uma habilidade louvável entre os militares de *Meio Sol Amarelo*. Tanto que alguns personagens parecem hiperbolizar

ou modificar práticas para ostentar os próprios méritos. Embora haja indícios textuais de múltiplos usos da gambiarra, quando o personagem Madu conta a Kaienne sobre seus feitos bélicos, os exageros sobre os domínios do improvisado conferem um tom mais pretensoso do que verídico ao seu relato. Vale ressaltar que o relato de Madu está envolto em camadas afetivas: ele conta a história a Kaiene, moça por quem insinua interesse romântico, mas está enamorada de um britânico. Ao compartilhar suas supostas gambiarras bélicas, Madu faz questão de usar o plural “nós”, exaltando um nacionalismo que exclui o namorado de Kaiene. Ele exclama: “Nós estamos enchendo o tanque com uma mistura de querosene e dendê” ou “Nós aperfeiçoamos a ogbungwe voadora”, ou “Nós fizemos um tanque com peças usadas” (ADICHIE, 2014, p. 355).

Desse modo, torna-se evidente que as soluções não especializadas, instáveis e únicas que são caracterizadas como gambiarras são imprescindíveis para a sobrevivência dos personagens que combatem durante a Guerra de Biafra em *Meio Sol Amarelo*. O caráter essencial da gambiarra se dá tanto pelo aproveitamento dos objetos, que possibilita o treino dos soldados e a camuflagem de quem não deseja lutar, quanto pela percepção positiva dos militares acerca da gambiarra. Sem embargos à visão bélica da gambiarra, a população civil também possui consciência sobre a importância das soluções improvisadas.

Invenções na vida civil

De Certeau (1998) defende que até seria legítimo definir o poder do saber a partir da capacidade de transformar incertezas da história em espaços legíveis, mas há maior precisão no reconhecimento de um tipo específico de saber nessas estratégias. O saber que sustenta e determina o poder de conquistar um lugar para si próprio, segundo o autor, se relaciona à ideia de que um poder é a preliminar deste saber, e não apenas seu efeito.

Nesse panorama, quem não está vinculado às forças armadas do país também tenta formular espaços de sobrevivência na Nigéria dos

anos 1960. Para isso, tentam utilizar saberes não convencionais para conquistar um lugar para si e para os seus familiares. Olanna, personagem central de *Meio Sol Amarelo*, é descendente da elite nigeriana, mas não se reconhece em seu seio familiar. Quando a guerra é deflagrada, Olanna permanece ao lado de seu parceiro em territórios perigosos, embora lhe fosse facultado fugir para o Reino Unido – onde seus pais moram e não existe guerra. Ao ficar na Nigéria, tenta transformar as incertezas da história, a princípio, em caminhos que ela conhece. Olanna, que é professora universitária, aproveita ambientes desocupados para improvisar salas de aula, tentando estimular a educação infantil durante a guerra.

Entretanto, com a progressão da escassez, Olanna precisa improvisar também recursos para a própria subsistência. Com vergonha, recorre a centros assistenciais para receber comida e alimentar sua família. Além disso, aprende a realizar algumas gambiarras úteis à vida doméstica. Após uma rusga com uma amiga, Olanna a desculpa ao receber o seguinte convite: “Eu vim lhe ensinar a fazer sabão. Saiba quanto eles estão pedindo por uma barra comum de sabão, hoje em dia?” (ADICHIE, 2014, p. 319).

Com um balde de metal cheio de cinzas de madeira queimada, as duas se juntam para executar soluções a partir dos artefatos disponíveis. Nesse sentido, vale destacar que, mais uma vez, a matéria-prima da gambiarra durante a Guerra de Biafra surge da natureza, evidenciando a carência da produção e da distribuição industrial. Os produtos que resultam de experiências químicas acabam substituídos por improvisações mais naturais e rudimentares.

O cuidado com o corpo se revela tão obscuro que, além da fabricação artesanal do sabão, urge a subversão de outros objetos para conferir uma atenção mínima à higiene pessoal. Ao entrarem em uma casa que estava abandonada, Odenigbo observa que o conhecimento retido em livros fora rejeitado em prol de uma necessidade fisiológica. Em mais uma gambiarra de possibilidades na narrativa ficcional, as páginas dos livros de Odenigbo são utilizadas como papel higiênico.

Por sua vez, nas primeiras páginas de *Meio Sol Amarelo*, Ugwu, menino de aldeia que é levado para trabalhar como criado na casa de Odenigbo, fica impressionado com o potencial de comer carne todo dia na casa do patrão. Na província onde nasceu, a escassez parece estar presente mesmo em tempos de paz. A abundância alimentícia intrínseca à casa de Olanna e Odenigbo, que abrigava reuniões de intelectuais para discutir geopolítica, se esvai com o desenvolvimento da Guerra de Biafra.

Na tese de Bouffleur (2013), um capítulo inteiro é dedicado à manifestação da gambiarra contemporânea na alimentação. Entretanto, as gambiarras ligadas à alimentação parecem se limitar aos procedimentos tecnológicos para montar uma refeição. Assim, apresenta, por exemplo, imagens de gambiarras para fazer café (improvisar um funil com papel ou guardanapo, utilizar palito de dente para mexer o café, aquecer uma cafeteira italiana com um ferro de passar roupa). O autor até reconhece a possibilidade de improvisar os próprios alimentos, de “se virar com os ingredientes disponíveis em casa” (BOUFLEUR, 2013, p. 155), mas aborda a gambiarra nos aspectos utilitários que cercam a questão da alimentação, como preparação, embalagem e consumo. Nessa perspectiva, também existe uma representação da gambiarra no romance *Meio Sol Amarelo*:

“Por que está usando o fogo a querosene?”, berrou ela. “I na-ezuzu ezu-zu? Você é burro? Já não disse que temos que economizar querosene?”

Ugwu ficou perplexo. “Mas, mah, a senhora disse que eu devia fazer a comida de Baby no fogão.”

“Eu nunca disse isso! Saia e vá acender o fogo!”

“Desculpe, mah.” Mas ela tinha dito isso de fato; só Baby comia três vezes ao dia agora, - eles três faziam só duas refeições -, e Olanna lhe pedira para cozinhar a comida dela no fogão a querosene porque o cheiro da fumaça fazia Baby tossir.

“Você sabe quanto custa o querosene? Só porque você não paga pelas coisas que usa acha que pode fazer o que quiser com elas? Por acaso o lume de lenha não é um grande luxo, lá no lugar de onde você vem?” (ADICHIE, 2014, p. 348-349)

A substituição do fogão por lume de lenha não demonstra, necessariamente, o caráter emergencial da escassez, já que existe uma tecnologia mais sofisticada disponível naquele momento. Com efeito, a ordem que Olanna tenta manter ao subitamente alterar suas instruções, tratando Ugwu com grosseria, relaciona a gambiarra a uma escassez futura. Ou seja, a gambiarra não é só utilizada quando não há recursos mais tradicionais disponíveis. O método também pode ser empregado visando a economizar recursos para que eles não falem no futuro.

Quanto à improvisação dos próprios alimentos, o aporte teórico é encontrado em Sedlmayer (2017). A autora resgata o termo *jacuba*, popular no português brasileiro, no sentido de um prato simples, com pouca elaboração técnica e certa dose de improviso diante da escassez de ingredientes e do modo de preparo habitual. Segundo a pesquisadora, é um termo cúmplice da gambiarra, porque ambos questionam as noções de uso/experiência e tocam em aspectos materiais e imateriais de uma cultura. Nesse sentido, o conceito de *jacuba* também se aplica ao recorte cultural da Nigéria dos anos 1960, devido aos exercícios de formas de sobrevivência propostos pelos personagens.

Em momentos de extrema pobreza, quando colocam um pequeno pote de carne enlatada no cesto de Olanna, ela fantasia sobre as receitas que pode executar com a proteína. Para Ugwu, seu criado, pediria que fizesse um ensopado. Com essa economia, Olanna visava a proporcionar um jantar com sanduíches de carne para ela, seu marido e sua filha. Nesse sentido, notam-se os efeitos das diferenças de classe até em contextos de miséria. Mesmo quando os padrões de Ugwu estão quase tão pobres quanto ele, ainda obedecem a uma lógica socioeconômica que confere a eles mais direitos à alimentação de qualidade do que ao criado. Assim, enquanto o ensopado de Ugwu se aproxima da simplicidade de uma *jacuba*, os sanduíches de carne da família de Olanna se aproximam de um jantar inglês.

A gambiarra de maior transgressão de ingredientes para empreender uma receita co-

nhecida, entretanto, se manifesta na tentativa de fazer um bolo. O desmanche dos ingredientes tradicionais, substituídos por uma mistura de farinha, óleo e gema desidratada, é acompanhado por uma substituição também do procedimento habitual.

Ele até estremeceu ao tirar um pouco da gema de ovo da panela. Era difícil imaginar aquele pó insípido saindo do ovo posto por uma galinha de verdade. Mas despejou na massa e mexeu. Lá fora, uma panela cheia até a metade com areia branca estava no fogo; ele daria mais alguns minutos, até ficar bem quente, antes de pôr a massa dentro. Ficara um pouco incrédulo quando a professora Muokelu ensinou a Olanna esse método de assar; conhecia o suficiente das idéias da professora - o sabão que Olanna fazia em casa, uma pasta entre o negro e o marrom que parecia diarreia de criança, tinha vindo dela, afinal de contas. Porém a primeira massa que Olanna assou saiu boa; ela riu e disse que seria ambicioso demais chamar aquilo de bolo, a mistura de farinha, óleo e gema desidratada de ovo, mas ao menos tinham usado bem a farinha. (ADICHIE, 2014, p. 330)

Tanto a massa com pretensão de bolo quanto a pasta com pretensão de sabão, na prosa de Adichie, ocupam os espaços deixados pelas ausências oriundas da Guerra de Biafra. A dinâmica na cozinha, reajustada por gambiarras, enfatiza a adaptação do paladar, mesmo quando os botões gustativos distinguem sabores menos apetitosos. Afinal, os personagens tentam reconhecer um gosto aprazível na primeira massa assada por Olanna – ainda mais por aplicar um ingrediente sem desperdício. Contudo, a memória de quando possuíam recursos para assar um bolo nos moldes tradicionais impede que eles classifiquem igualmente a gambiarra alimentar e o alimento tradicional. Conforme Sedlmayer (2017), assim como a *jacuba*, a gambiarra diz respeito à fome. Em *Meio Sol Amarelo*, a fome é de luta, de saúde, de asseio, de comida, de identidade. Efetivamente, o uso grosseiro da farinha adia a fome, mas não sacia o espírito.

Considerações Finais

Na música Gambiarra, de Lulu Santos, há dois versos que ecoam a vibração pulsante provocada pela gambiarra: “Quando ligam a gambiarra / Eu começo a existir”. (SANTOS, 2005). Enquanto o eu-lírico de Lulu passa a existir por causa do improvisado, os personagens de *Meio Sol Amarelo* até possuem uma existência prévia, mas só conseguem sobreviver por causa da gambiarra.

Nos campos de batalha descritos por Adichie, com muita tática, é possível ver gambiarra nas armas utilizadas, completamente informais e arriscadas, feitas de madeira. Ainda, para os que não desejam sujar a mão de sangue, com uma gambiarra é possível simular o fluido, subvertendo o uso da comida para fazer gambiarra. Solucionar problemas em um Estado de exceção vira qualidade tão almejada que muitos personagens soldados se vangloriam pela astúcia.

Contraopondo os reajustes militares às reinvenções na vida civil, nota-se uma gama de necessidades diferentes, mas a forma de atendê-las se assemelha, utilizando os recursos disponíveis. Assim, as demandas são supridas, mas não da melhor forma possível. Os problemas cotidianos apresentam uma complexidade muito maior do que um sabão feito de cinzas e um bolo com ingredientes insuficientes são capazes de resolver. Assim, a gambiarra deixa muitos corpos vivos durante a guerra narrada por Adichie, mas é também um lembrete da precariedade que impede a emancipação total dessas vidas.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio Sol Amarelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ANJOS, Moacir dos. *Contraditório*. In: Panorama da arte brasileira 2007. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 2007.
- BOUFLEUR, Rodrigo. *Fundamentos da gambiarra: a improvisação utilitária contemporânea e seu contexto socioeconômico*. São Paulo: Tese FAU-USP, 2013.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M. *A history of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

GUIMARÃES, Cao. *Série Gambiarras*. 2014. Disponível em <<https://www.caoguimaraes.com/foto/gambiarras/>>.

Acesso em 14/07/2022.

ISER, Wolfgang. *Os atos de fingir ou o que é ficção no texto ficcional*. In: COSTA LIMA, Luiz. Teoria da literatura em suas fontes. 2. ed.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002. v. 2.

LAGNADO, Lisette. *O malabarista e a gambiarra*. [S. d.]. Disponível em [<https://caoguimaraes.com/wordpress/wp-content/uploads/2012/12/o-malabarista-e-a-gambiarra.pdf>]. Acesso em 21 jun. 2022.

OBICI, Giuliano. *Gambiarra e experimentalismo sonoro*. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2014.

O'CONNELL, Robert. *Of arms and men – a history of war, weapons, and aggression*. Nova York: Oxford University Press, 1989.

SANTOS, Lulu. *Gambiarra*. In: Letra & Música. Rio de Janeiro: Som Livre, 2005.

SEDLMAYER, Sabrina. *Jacuba é gambiarra: Edição Bilingue*. Autêntica, 2017.

WHITE, Hayden. *O texto histórico como artefato literário*. In: WHITE, Hayden. Trópicos do Discurso: Ensaios Sobre a Crítica da Cultura. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EdUSP, 2001.

COMO CITAR

PEREIRA, A. C. V. B.; JAECKEL, V. Entre tanques e fogões: formas de gambiarra em *Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Adichie. *Revista Cerrados*, 32(60), p. 205–211. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i61.45258>